

# **APRENDIZAGEM CRIATIVA**

## **– ARTE-EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DE DOCENTES E OUTROS PROFISSIONAIS DO TRABALHO EDUCATIVO E SOCIAL <sup>1</sup>**

### **Alvaro Pantoja Leite**

Doutorando em Ciências da Educação (FPCE-UP), investigador colaborador do Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE), bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Endereço eletrónico: [alvarpan@gmail.com](mailto:alvarpan@gmail.com).

### **RESUMO**

O texto apresenta a proposta e esboça uma reflexão em torno da experiência do Curso de Formação *Aprendizagem Criativa*, desenvolvida pelo autor no Programa de Formação Contínua da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, com professores/as – da Educação de Infância, do Ensino Básico, do Ensino Médio e do Ensino Superior – formadores/as e outros/as profissionais com intervenção nos campos da Educação (escolar e não-escolar), da Saúde e do Serviço Social. O curso vem sendo oferecido desde 2010 pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto através do Serviço de Educação Contínua (SEC/FPCE-UP), em horário pós-laboral, com duração de 27 horas presenciais, mais 54 horas de trabalho individual de cada formando/a – totalizando 81 horas creditadas. O objetivo geral do curso é prover estímulo e novas ou renovadas referências a professores/as e outros profissionais dos campos da Educação e do Trabalho Social, para responderem com criatividade a desafios de aprendizagem e comunicação postos no quotidiano da sua prática profissional. O foco do texto é colocado em uns desafios, umas possibilidades e uns efeitos da (re)criação metodológica no trabalho educativo/formativo e social-educativo, tendo como fonte inspiradora o pensamento de Paulo Freire, em diálogo com outras fontes como o pensamento da Complexidade-Transdisciplinaridade e, destacadamente, a abordagem da Arte-Educação. O propósito é contribuir à reflexão/discussão de conceções teórico-metodológicas do *fazer educação*, na perspectiva de fundamentar uma renovação das práticas educativas, nomeadamente em processos de formação.

### **Palavras-chave**

*Aprendizagem Criativa; Metodologia de Formação; Arte-Educação; Paulo Freire*

## A PROPOSTA E O PROCESSO DO CURSO

*La educación es una obra de arte. En este sentido es que el educador es también artista: él rehace el mundo, él redibuja el mundo, repinta el mundo, recanta el mundo, redanza el mundo.*  
(Paulo Freire)<sup>2</sup>

*Educar é educar-se. Renascer. Recriar-se. Do barro que a gente é, fazer uma obra-de-arte.*  
(CENAP)<sup>3</sup>

### A proposta

O curso *Aprendizagem Criativa* tem sido realizado como uma *oficina* ou *atelier de formação*, sua intencionalidade pedagógica expressa através dos seguintes objetivos formulados:

- Experienciar métodos, técnicas e dinâmicas que envolvem e mobilizam múltiplas dimensões do ser-estar-aprender das pessoas em diversos contextos socioeducativos.
- Refletir sobre concepções teórico-metodológicas do trabalho educativo e social, na perspectiva de fundamentar uma renovação das práticas educativas e da ação comunicativa.
- Debater sobre as relações entre educação e cultura presentes nas práticas educativas dos participantes, no sentido de (re)pensar , (re)significar e recriar tais práticas.

O conteúdo temático do curso teve a seguinte formulação inicial:

- *Pensar, aprender, criar*: processos vitais e lugar/papel do conhecimento na formação humana; vivência, experiência e formação.
- *Educação, mudança pessoal e transformação social*: referências para uma abordagem contemporânea dos processos de ensino-aprendizagem.
- *Criatividade, arte-educação e metodologias de aprendizagem*; trabalho social-educativo e ação comunicativa.
- *Para reencantar a Educação*: a construção de sujeitos aprendentes na perspectiva da cidadania ativa no século XXI.

O enfoque metodológico é apresentado como uma aprendizagem teórico-vivencial, com ênfase na experiência de múltiplas linguagens (corporal, plástica, narrativa, conceitual, poética, cênica, musical), em contexto grupal e comunicacional; exercícios corporais e dinâmicas não-verbais; leitura, reflexão, debate e criação de textos<sup>4</sup>; *rodas de diálogo e círculos de cultura*; produção escrita e plástica, individual e coletiva; co-gestão do processo de aprendizagem.

O eixo articulador proposto é a ideia de “*Circularidade na Educação*”, na perspectiva de: desenvolver atividades de modo a *circular* as energias em presença; modos de experimentar a *circularidade* num fazer educativo; (re)criar e partilhar saberes que importam para uma vida mais plena (*aprendizagem significativa*).

## O processo <sup>5</sup>

O real se revela como tecido de múltiplas dimensões. A vida como *teia*. O conhecimento como *rede*. ( ... ) Mais do que em qualquer outro momento histórico é necessária esta compreensão do conhecimento, da aprendizagem e da reflexão como *redes*. Como texto, tecido de muitas vozes, em *diálogos de criação*. A essa reconsideração do aprender e do ensinar, tenho chamado de *uma nova educação poética*. (Antônio, 2002, pp. 38,40,42)

O ponto de partida do curso – chegada, apresentação e integração dos participantes – é trabalhado durante toda a primeira sessão, cuja atividade central consiste em cada um/a desenhar/pintar uma *mandala* <sup>6</sup> com seu próprio nome e símbolos de sua identidade cultural; a esta atividade segue-se uma roda de apresentação pessoal (através das *mandalas*) e de enunciação/pronunciação por todos dos nomes próprios presentes. Pode ser proposta uma pergunta motivadora – para pensar enquanto a *mandala* é desenhada: “Nessa altura da minha vida, o que ando precisando/querendo/desejando plantar no chão da minha existência?”. Em seguida, é composta e visualizada no centro do círculo uma *mandala* maior, do grupo, contendo a de cada participante. Em torno dela, em outra rodada, são declaradas motivações vitais para aquela *oficina de formação* – que tem duração prevista de dois meses. Dois textos poéticos – *O Mundo* e *A Roda* – são lidos/recitados, como *inspiração*, na abertura e no encerramento deste primeiro encontro do grupo de formandos/as. A música-canção *A Novidade* (Gilberto Gil) compõe o pano de fundo de um exercício, também *em roda*, de integração rítmica-corporal.

A ideia de *circularidade* tem constituído e dado forma a um elemento fundamental do método trabalhado. A de *inspiração*, outro. Assim aparece em alguns textos finais de participantes, ao elaborarem sua própria experiência no curso.

A disposição dos formandos em círculo (sentados no chão, em cadeiras, ou de pé) é básica, no sentido de favorecer a troca, o diálogo, a partilha. A partir da compreensão do conhecimento como *rede*, a *circularidade* permite vivenciar o processo formativo enquanto processo dialógico de construção de saberes/significados vitais (Paulo Freire), favorecendo o estabelecimento de *pontes* entre os diferentes olhares lançados sobre os vários momentos formativos.

A *circularidade* possibilita ainda a revelação da complexidade das interações estabelecidas, no cruzamento das diferentes *fontes* que cada pessoa transporta para a formação. A disposição circular facilita também o reconhecimento do(s) outro(s) como *corpo que se move e que se expressa* das mais variadas formas. Essa *circularidade* é concretizada no curso por meio de três dispositivos pedagógicos: as *danças circulares*, as *rodas de diálogo* (através da consigna “palavra na roda”), e o *diário de bordo*.

As Danças Circulares dos Povos, abrindo e fechando cada sessão ou *ciclo de aprendizagem*, promovem uma outra (alternativa) ritualização, canalizando as energias vitais de todos e de cada um dos participantes para o momento presente. Pela harmonização e sincronização dos movimentos promovem, em várias dimensões, (auto)integração/centração/equilibração – do indivíduo e do grupo –, despertando os sentidos para o processo formativo, possibilitando uma vivência privilegiada de fluência e integralidade, de comunicação e partilha em dinâmica não-verbal – além de uma viagem *intercultural* através das músicas/danças de vários povos.

*As danças circulares possibilitam, no início de cada sessão, centrar o meu corpo, o meu pensamento e a minha imaginação neste espaço-tempo de aprendizagem e criação.*

As *Rodas de Diálogo*, inspiradas nos *círculos de cultura* propostos por Paulo Freire, promovem, por um lado a busca de fluência na comunicação através da *palavra-que-circula-na-roda*, pelo

exercício aprendente da fala e da escuta atenta; por outro, a construção de compreensões compartilhadas, a *significação partilhada* – constituindo um dispositivo pedagógico particularmente favorável a uma vivência significativa de “construção coletiva de conhecimentos”. As *rodas de diálogo* representam ainda – como as “danças circulares dos povos” – um dispositivo integrador do indivíduo no coletivo, pois que cada um ocupa um lugar próprio, um espaço físico, conceitual e emocional que integra e preenche o espaço do próprio grupo, sendo que é no grupo que esse espaço ganha o seu significado pleno.

*A “palavra-na-roda” permite-me a sensação de partilha e movimentação de ideias, questões, emoções, propiciando a emergência de sentidos e significados vários. (...) É sobretudo esta diversidade de ‘leituras’ conceituais, emotivas e imaginativas, que se constitui como uma mais-valia para cada um de nós, individual e coletivamente.*

No que se refere ao *Diário de Bordo*, a *circularidade* é vivenciada de forma mais individualizada, pois através dele, cada formando estabelece um diálogo reflexivo e criativo consigo mesmo, com sua própria história e seu momento presente, (re)vendo-se nos contextos de vida e trabalho. Tal diálogo alimenta-se não apenas das sessões de formação, mas também das leituras realizadas e das repercussões (observadas/pensadas) do curso no quotidiano de cada um. Além disso, a construção do *diário de bordo*, sendo gradual, remete o formando para as ideias de *projeto* e de *inacabamento* (Paulo Freire), que apontam para uma permanente recriação do pensado e do vivido. Trata-se de um registo pessoal, intransmissível, diferenciado e diferenciador, expressão pessoal dos modos de ser (sentir-pensar-atuar) de cada formando/a. Eventualmente, o/a participante pode querer partilhar algo do seu próprio *diário de bordo* numa *roda de diálogo* em alguma ou várias das sessões.

*Logo na primeira sessão o formador propôs a todo o grupo a realização de um Diário de Bordo, como instrumento de reflexão sobre as sessões, os textos oferecidos e livros que estivéssemos a ler, ou sobre o nosso próprio trabalho. Ele poderia conter comentários, opiniões, pontos de vista, dúvidas, dificuldades, reações e reflexões. Podia conter trechos de letras de músicas, poemas, textos, imagens... enfim, um diário diferente, criativo. Com isso penso que o formador queria nos ajudar a construir e reencantar o nosso conhecimento e trabalho - de acordo com o que Paulo Freire ensina: “aprender a pensar a prática é a melhor maneira de aprender a pensar certo”.*

*Para mim, trata-se (o Diário de Bordo) de um espaço habitado por ideias-insistentes que sucedem a cada atividade realizada, palavras-sobreviventes da roda que as lança, imagens-inspiração que alimentam as páginas do que sou-sei-faço. Este diário constitui, por isso, um exercício de liberdade para a construção de um significado pessoal das experiências de aprendizagem vivenciadas nas diferentes sessões.*

A *inspiração* constitui um elemento essencial para o trabalho criativo. Neste curso, tal *inspiração* é proporcionada através de vários elementos musicais (canções: música/letra e *videoclips*) e poéticos (prosa poética e poesia) que, tal como no movimento respiratório de *inspiração*, são incorporados, interiorizados, assimilados, proporcionando “*saber/sabor vital*” – como nos propôs Roland Barthes na sua *Lição*.<sup>7</sup>

Na prática, assim como há um conjunto de textos conceituais a serem lidos/estudados no decorrer do curso (um texto por semana), há um “roteiro” de textos poéticos (poemas e letras de canções) bem como de músicas, que vai se desenrolando ao correr das sessões, compondo um repertório. Assim, o curso contém uma *trilha musical* e um *roteiro poético* (fragmentos e poemas) que alimentam o imaginar, o sentir, o pensar e o atuar, fundamentalmente no correr do próprio curso, eventualmente nos contextos de trabalho dos formandos. No mesmo sentido, o

formador utiliza e propõe à consideração dos/as formandos/as umas imagens-figuras como *metáforas* das ideias-chave trabalhadas no curso: *fontes, pontes, redes e teias*.

*Iniciamos com a apresentação e integração dos participantes, permitindo expressar nossas motivações e perspectivas. Refletimos sobre nosso caminho de aprendizagem através do nosso “ser eterno aprendiz”; revisitamos as nossas “fontes” e as “pontes” que percorremos, reforçados com os fundamentos da educabilidade (incompletude e inacabamento) postulados por Paulo Freire. Coletivamente, ligamos em “rede” as nossas ideias e, finalmente, balançamos na “teia” que tecemos sobre o trajeto que tínhamos percorrido naquele jardim encantado.*

O processo do curso é desenvolvido metodicamente com uma dinâmica que explora, através do exercício, um tipo de “linguagem artística” específica em cada sessão. As principais dinâmicas vivenciadas são:

- *Mandalas* – confeção e apresentação da “*mandala do nome*” de cada participante (na primeira sessão); contemplação/escolha de uma *mandala* de um conjunto apresentado e declaração de significados relacionados ao desenho e palavra-chave associados (na última sessão).
- *Performance* – dinâmica com itens do repertório de *mimo* e Teatro de Rua: representar corporalmente pensamentos escritos ou situações diversas descritas num pequeno papel sorteado aleatoriamente; expressão e leitura corporal.
- *Teatro-estátua* – dinâmica com itens do repertório do Teatro do Oprimido: expressão corporal, individual e coletiva, experimentando-se alternadamente no papel de escultor/escultura, representando diversos tipos de sensações e situações do quotidiano; leitura das imagens construídas.
- *Rede* – em círculo, confeção de uma rede trançada, de cordão, cada participante segurando uma ponta; conversando na roda, em torno das palavras-imagens *fonte, ponte, rede e teia*, falando/escutando do quotidiano das práticas educativas.
- *Painel coletivo* – em torno de uma grande folha de papel-cenário, utilizando materiais como tintas, pincéis, marcadores e lápis-cera, confeção de um painel: cada participante elabora seu desenho/sua pintura; depois, trocam de lugares e interferem nos desenhos uns dos outros; por último, conectam todos os desenhos entre si; ao final, passeiam (contemplando) em volta da obra; sentam e conversam, expressando sensações do processo e do produto.
- *Roda de Poesia* – com a matéria-prima das palavras, cada formando procura expressar-se *poetizando* um mundo significativo seu, através da composição de um poema inspirado no “mote”: *o coração do meu fazer educativo*; segue a leitura/recitação, em roda, dos poemas autorais.

## **PRINCÍPIOS PEDAGÓGICO-METODOLÓGICOS**

A conceção norteadora do curso *Aprendizagem Criativa*, entendido como uma prática educativa docente-formativa, pode ser explicitada através da formulação de alguns princípios pedagógico-metodológicos que balizam a atuação do formador – referenciada pela minha experiência anterior como membro do coletivo de formadores/as do Centro Nordestino de Animação Popular, no Brasil (Recife):

- Construir um espaço-tempo de exercício da integralidade das pessoas, onde cada uma é considerada na sua singularidade e todas na sua multidimensionalidade, em contexto plural e comunicacional;
- Constituir um espaço-tempo de vivência coletiva: os/as formandos/as considerados/as como co-autores/as de símbolos, expressões, atitudes, compreensões e conhecimentos;
- Considerar e experienciar o diálogo, para além de mera estratégia pedagógica, como lugar de encontros de diferentes sujeitos, com foco na reflexão de suas ações em contextos de trabalho, através da tematização de questões e do compartilhamento de compreensões;
- (Re)trabalhar a relação prática-teoria, privilegiando a prática profissional e o quotidiano de vida e trabalho das pessoas como referenciais para a construção de conhecimentos;
- Incorporar a arte-criatividade nos processos educativos, entendendo e lidando com múltiplas linguagens, nomeadamente as linguagens artísticas, como canais de auto-expressão individual/coletiva, como ativadoras de múltiplas inteligências e como geradoras de aprendizagens significativas. (CENAP, 1998, p.26)

Na equipe de formadores/as do Centro Nordestino de Animação Popular (CENAP), compartilhamos o entendimento da ação educativa como possibilidade de apreciação dos sentidos pelos quais agimos social e individualmente no mundo da vida, repensando o que queremos produzir e/ou reproduzir com nossas ações. E o entendimento de que *a arte* constitui canal privilegiado para apurar os sentidos da cultura e a construção de identidades, pois além de estimular a expressão das percepções e dos sentimentos, desenvolve múltiplas inteligências e propicia a criação de sentidos para o viver individual e coletivo.

Do privilegiar na prática educativa a articulação entre o *sentir* e o *pensar* como premissa do *percecionar* e do *conhecer*, decorre o privilegiar pedagogias que incorporam igualmente estratégias corporais, sensíveis e cognitivas, abrindo uma perspectiva de que as práticas educativas que compõem tais estratégias, além de criar condições para a compreensão, expressão e diálogo de um fluxo de ideias, percepções e emoções, permitam que os educandos/formandos “operem semióticas que resultem em sentido para suas vidas” (Faria e Garcia, 2001, p.42). Fazer acompanhar todo o processo formativo de canções e poemas, é um modo de associar os processos reflexivos e conceituais a outras formas de conhecimento resultantes da imaginação criadora, intencionando (re)ligar trabalho conceitual-teórico com imaginativo-criativo.

Numa perspectiva de *educação pela arte*, a inspiração canalizada pela música e pela poesia configura um movimento de abertura de inúmeras possibilidades em termos dos significados vitais construídos, dos sentidos atribuídos e dos modos de fazer concretizados. Assim sendo, *a inspiração* enseja a (re)criação dos próprios elementos inspiradores por meio da sua apropriação individual e coletiva, levando os/as formandos/as a (re)pensar e a (re)situar a reflexão pelo cruzamento de tais elementos com as suas referências prévias que, desta forma, podem ser também (re)equacionadas.

## UNS EFEITOS E SIGNIFICADOS DA EXPERIÊNCIA <sup>8</sup>

A proposta apresentada contém a seguinte formulação para a sua avaliação: auto-avaliação, de processo e final, oral e escrita; a última sessão é dedicada a um tipo de elaboração da experiência (dos participantes no) do curso *Aprendizagem Criativa* - como “experimentação”<sup>9</sup>

de um método e procedimentos para avaliação adequados à proposta pedagógico-metodológica que constituiu, ela mesma, um objeto-conteúdo do curso – a ser apreendido e problematizado, refletido e incorporado como experiência.

Assim, na perspectiva avaliativa e sistematizadora da experiência, o formador propõe uma reflexão impulsionada por perguntas do tipo:

- O curso instigou minha *curiosidade*? como isso se manifestou? O que emergiu de experimentação-criação-invenção?
- O que aconteceu de um fazer-artistar-pensar a educação nesse *percurso formativo*?
- Como foi vivida/experenciada a *dimensão da corporalidade*? e a *dimensão do sensível*, que liga *saber e sabor* – na educação como na vida?
- A experiência do curso relacionou o *sentido da arte* à vida e à criação? como? em que?
- O curso proporcionou o experimentar/exercer “uma *teatralidade* que atravessa e restaura a existência e a vida no *fazer artístico da educação*”? o que isso pode significar?
- Que *saberes/poderes* se fizeram presentes, foram vivenciados? que *saberes/poderes* foram favorecidos/valorizados/fortalecidos?
- O curso provocou o desejo por *uma outra educação*? por um modo singular de viver-aprender-ensinar  
experienciar-criar-pensar } em educação?
- Que aspetos dessa *experiência formativa* me inquietaram?
- Com que ideias cheguei sobre *formação*, sobre *aprendizagem criativa* e sobre *arte na educação*? com quais estou saindo?

Conforme os textos produzidos, bem como as avaliações e os depoimentos orais dos participantes ao final, em cada uma das quatro edições do curso (2010-2012), a análise da formação vivenciada indica correspondências às motivações e expectativas inicialmente apresentadas pelos/as formandos/as. E, também, revela que têm sido surpreendidos/as... Nesses depoimentos, uma ideia-chave recorrente que aparece é a de *aprendizagem significativa*.

*Em todas as sessões, o formador incentivou-nos a abrir o corpo e a mente às possibilidades do conhecimento, autoconhecimento e autoexpressão através de elementos das artes como música, desenho, pintura, poesia, dança e jogos. Todas essas dinâmicas foram ponto de partida para revivermos e nos recordarmos de quem somos, como somos, o que nos motiva e onde queremos chegar.*

*Foi um reaprender constante quer com o formador, quer com os colegas, quer com a vida e as minhas reflexões. Reconheço que estou sempre a aprender, como aconteceu nas diferentes dinâmicas utilizadas pelo formador, em especial a da pintura do painel coletivo – o que corrobora o que diz Paulo Freire, “nós, os humanos, somos seres incompletos”, precisamos ser completados pelos outros, “e somos inacabados”, porque a cada dia podemos evoluir, mudando a nossa forma de pensar, de agir e de ver a humanidade (a nossa e a dos outros).*

*Aprendi que tudo é complexo mas tudo pode ser abordado. Gostei especialmente de quando falamos das nossas fontes, pontes, redes e teias. Em certos momentos da vida é importante pensarmos: Quais as fontes que me formam hoje? O que me alimenta o gosto de sonhar, de estar vivo? O que dá sentido à minha vida? O que nos marca, o que nos marcou?*

*Integrei esta experiência da Aprendizagem Criativa como um processo relacional de criação de laços, entre aprendentes e educadores / professores, feito de razão e de emoção, lugar de cuidado dos outros, com respeito pelas suas identidades e contextos.*

*As aprendizagens mais significativas para mim situam-se ao nível da rutura com as dicotomias teórico-prático, conceitual-criativo, permitindo uma reconfiguração do próprio processo ensino-aprendizagem, da noção de educação e de conhecimento. Os textos estudados e as vivências geraram dúvidas criativas relativamente ao modo como, até agora, tenho vindo a pensar sobre o ensino e a educação numa perspetiva meramente aquisitiva e cognitiva, empobrecedora das dimensões criativas, imaginativas e lúdicas que também compõem o ser humano.*

## AO MODO DE CONCLUSÃO

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do *exercício da criticidade* que implica a promoção da curiosidade ingénu a curiosidade epistemológica, e do outro, sem o *reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição* ( ... ) Não é possível também formação docente indiferente à *boniteza* e à *decência* que estar no mundo, com o mundo e com os outros, substantivamente, exige de nós. Não há prática docente verdadeira que não seja ela mesma *um ensaio estético e ético*. (Freire, 1999, p.51)

Para Paulo Freire, considerando que em toda pessoa existe um ímpeto criador, o ímpeto de criar nasce da inconclusão do ser humano. “A educação é tanto mais autêntica quanto mais desenvolve este *ímpeto ontológico de criar*.”<sup>10</sup> Em Giles Deleuze, encontramos o seguinte aforisma: *pode-se aprender a criar; deve-se criar para aprender*. Foi inspirado nessas idéias que escolhi adotar *aprendizagem criativa* como “mote” de um curso de formação com professores/as e outros/as trabalhadores/as sociais. Inspirado, também, nos muitos anos de experiência com o coletivo de formadores e formadoras do Centro Nordestino de Animação Popular (CENAP, Recife-Brasil), onde tive a oportunidade de vivenciar e aprender da aposta na *Arte-Educação*, na educação através das artes, no fazer educação na perspetiva da arte.

O pensamento de Paulo Freire acompanha todo o desenrolar da experiência, constituindo mesmo um “fio condutor”. Além da leitura e reflexão de uma colagem de excertos de textos freireanos, com suas ideias-chave – sobre educação, formação, cultura, diálogo, pedagogia da autonomia e da indignação –, a roda de conversa numa das sessões toma como mote “*diálogo – a educação como formação na/para a con-vivência*”.

A abordagem da arte-educação vem a ser um caminho à concretização da ideia de *experiência formativa*, essa ideia que implica um “se voltar para si mesmo, uma relação interior com a matéria de estudo, onde o *saber da experiência* se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana” (Larrosa, 2002, p.26), destacando a qualidade existencial deste saber, isto é, sua relação com a vida singular e concreta das pessoas. Vale dizer, como reflete Larrosa, que “a *experiência* e o *saber* que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida” (id., p.27).

No processo de construção da proposta metodológica de formação vivenciada nas atividades do CENAP, desde o início fomos inquietados e estivemos impressionados pela pergunta de Fayga Ostrower: “Que tipo de *linguagem* é esta que não precisa de interpretação e comunica há milênios sem perder o núcleo da expressividade?”<sup>11</sup>, referindo-se à *arte* em suas múltiplas expressões. Aí aprendemos da *Arte-Educação*, basicamente, a focalização da *corporalidade* e a perspectiva de favorecer uma *(re)educação dos sentidos*, como disposições pedagógicas fundamentais à concepção e prática de *formação* que buscamos desenvolver.

Nesse sentido também, o destaque que é dado num trabalho formativo à *vivência* e à utilização da linguagem poética – o *poético* integrado na educação como uma dimensão vital que transcende o poema e nos co-move através das mais diversas *expressões artísticas* – contribui para um desenvolvimento mais integral e integrativo das diversas dimensões do humano no fazer educativo, inclusive a de um pensar mais *complexo*.<sup>12</sup>

*Foi uma vivência coletiva deveras enriquecedora do ponto de vista das expressões artísticas, um canal privilegiado de formação, de vivenciar e tomar a vivência, o vivenciado, como objeto da reflexão e do diálogo.*

*Na aprendizagem significativa, a referência principal é a vivência das pessoas, o que elas têm como experiência pessoal e que influencia as suas experiências futuras e a sua visão do mundo. As diferentes linguagens artísticas (pintura, música, dança, poesia, escultura, teatro etc.) são um canal e um modo de comunicar com os outros de uma forma holística, ou seja, encarando-os como um todo, como seres íntegros e complexos que são – e, por isso, permitem a construção de conhecimento e o desenvolvimento de aprendizagens significativas.*

*A participação no Curso de Aprendizagem Criativa proporcionou a possibilidade de experienciar vivências de ordem cognitiva, social e afetiva, quer a nível individual, quer a nível grupal, marcadas essencialmente por um confronto com o tipo de disponibilidade interior de cada um para o envolvimento no processo educativo; pelo convite a experienciar-ser aquilo que é nossa função proporcionar -“educar para”; pela descoberta construtiva do que a criação artística proporciona em termos de desenvolvimento pessoal de cada ser humano.*

Assim, a abordagem da *Arte-Educação*, que compreende “arte como importante instrumento para a compreensão e organização das nossas ações, por permitir a familiaridade com os próprios sentimentos, que são básicos para se agir no mundo” (Duarte Jr., 1995, p.104), envolve a consideração da educação como *um processo formativo do humano*: como “um processo pelo qual se auxilia o ser humano a desenvolver sentidos e significados que orientem sua ação no mundo” (id., *ibid.*).

Tal perspectiva considera que, para bem-viver, carecemos todos de *bens simbólicos e espirituais*. Na confluência entre os bens simbólicos e espirituais, a *Arte* impulsiona relações entre pessoas e grupos, renovando vivências, tecendo laços de solidariedade, criando imaginários e poéticas imprescindíveis para o conhecimento do outro e de si mesmo.

Nesse sentido, junto com os participantes da *Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário*, partilhamos da crença de que *desenvolver-se com arte* pode tornar a nossa vida mais alegre e o nosso olhar mais sensível à realidade quotidiana. “Pode contribuir para a criação de um rico imaginário, apoiado nas raízes e na criatividade coletiva do presente; e resgatar *poéticas* que dão um sentido à vida em comunidade pela alegria, o lúdico, a imaginação.” (Faria e Garcia, 2001, p.22)

*É percurso bonito, o passeio dos sentidos com sorrisos rodopiando; explorámos, vivenciámos e experienciámos pela descoberta ativamente induzida e/ou conduzida até à consciencialização e mudança de paradigma de comportamento: Ser/Estar/Fazer. A Arte expande os afetos, reinventa modos de atuar e intervir, desperta, liberta, mobiliza aprendizagens genuinamente diferenciadas; cede ao espanto, a surpresa, o olho brilhante, mão-na-mão, a voz macia, o corpo mais leve.*

A análise das avaliações de quatro edições do curso *Aprendizagem Criativa* confirma como lição da prática que, no contexto de um trabalho educativo que se quer formativo, o destaque dado à *vivência/experiência* de vida e trabalho das pessoas, bem como o recurso à utilização de múltiplas linguagens através de diversas *expressões artísticas*, contribui significativamente para um desenvolvimento mais integral e integrativo das diversas dimensões do humano no fazer educativo, inclusive a de *um pensar mais complexo*.

A experiência do Curso *Aprendizagem Criativa* tem confirmado o que trago anotado de um texto de May Guimarães Ferreira, um dos primeiros que li postulando a relação entre *arte-educação e cidadania*. Nele se entende que trabalhar *formação* na perspetiva da arte e através das artes, além de possibilitar a expressão estética e emocional das pessoas, “pode questionar o conhecimento socialmente estabelecido, pode instituir e intuir *formas novas de conhecer*, e também estabelecer outras possibilidades do indivíduo participar da cultura, da sociedade e da história.” (Ferreira, 1994, p.31). Entende-se também, como afirma Ferreira, que “somente a partir do surgimento do novo, do contraditório, do não consensual, do não estagnado, que se há de desenvolver a criatividade do indivíduo e a sua inserção como sujeito da história” (id., ibid.).

Igualmente, a experiência do curso reforça a convicção expressa por Bernhard Wosien, um pedagogo da dança que desenvolveu a ideia do trabalho com as Danças Circulares dos Povos – cuja inserção na metodologia do curso, conforme depoimentos dos participantes, constituiu *um diferencial significativo*:

*Que a dança educa o ser humano como um todo, é hoje uma teoria amplamente reconhecida e já aplicada, em muitos lugares, como um meio educacional funcional. Ela exige adaptação e integração, cria equilíbrio, dá asas à fantasia, relaxa e solta e oferece um plano a partir do qual se pode aceder à multiplicidade da educação. ( ... ) Deveria ser aspiração de uma sociedade o estímulo de fatores constitutivos da personalidade, assim como a educação de pessoas criativamente participativas. A dança é uma oferta desta ordem. Onde pessoas dançam umas com as outras elas se educam e formam a si mesmas.* (Wosien, 2000, p.66)

## NOTAS

<sup>1</sup> Texto elaborado a partir da comunicação apresentada ao XI Congresso Galego-Português de Psicopedagogia, realizado pela Universidade da Coruña com a Universidade do Minho, em La Coruña – España, 07 a 09 de Setembro de 2011.

Publicado na revista *Imaginar*, da APECV (Porto):

Leite, Álvaro Pantoja (2013) “Aprendizagem criativa: uma experiência inspirada em Paulo Freire e baseada na Arte/Educação”. *Imaginar*, 56, 76-83.

On Line: <http://www.apecv.pt/revista/Imaginar56.pdf>

<sup>2</sup> Paulo Freire, entrevista em México, 1996. In: videodoc *Paulo Freire, constructor de sueños*. Produção do Instituto Mexicano para el Desarrollo Comunitario (IMDEC), para a Cátedra Paulo Freire do ITESO, Universidad Jesuíta de Guadalajara, fevereiro de 2000. [On line], [http://www.youtube.com/watch?v=qCZ\\_eoT19mo](http://www.youtube.com/watch?v=qCZ_eoT19mo).

<sup>3</sup> CENAP, Centro Nordestino de Animação Popular (1998) *Almanaque de Metodologia da Educação Popular*, Recife, p.5.

<sup>4</sup> Os/as formandos/as recebem na primeira semana um conjunto de 8 textos a serem lidos/estudados até o final do curso, um texto por semana à livre escolha. Os textos lidos/estudados servem de estímulo à reflexão e como referência para a escrita de um texto autoral apresentado por cada um/a ao final do curso.

<sup>5</sup> Registo e agradeço a participação da formanda Ana Manso, professora de Filosofia na rede pública escolar da cidade do Porto (Portugal), de cujo texto final, no qual desenha o processo e reflete sua vivência no curso, incluí alguns trechos como parte integrante deste texto.

Obs. Os trechos com recuo de margem e em itálico são todos retirados de avaliações dos formandos/as participantes, ao final das diversas edições do Curso Aprendizagem Criativa.

<sup>6</sup> A palavra *mandala* vem do sânscrito, de origem hindu, e quer dizer “círculo mágico”, um *círculo de energia*. São formas, presentes em muitas culturas, que representam as relações entre o ser humano e o cosmos.

<sup>7</sup> Ref. a expressão de Roland Barthes ao final da sua aula inaugural no College de France, em 1977: “Essa *experiência* tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei aqui arrebatrar, sem complexos, na própria encruzilhada de sua etimologia – *Sapientia*: nenhum *poder*, um pouco de *saber*, um pouco de *sabedoria* e o máximo de *sabor* possível.” (Barthes, Roland (1979) *Lição*. Lisboa: Edições 70, 42).

<sup>8</sup> Em alemão, *experiência* (Erfahrung) é o que se passa numa *viagem* (Fahren): o que acontece a alguém numa viagem, como faz notar Jorge Larrosa com sua noção de *experiência formativa*. Para este autor, “é *ex-periência* aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar *nos forma e nos transforma*” (Larrosa, 2002, p.25).

<sup>9</sup> *Experimentação* neste texto difere da ideia de “laboratório” e se assemelha à ideia de *experienciar*, em que o ato educativo se dá no próprio acontecer da experiência e não na busca de testar ou conferir um modelo (cf. CENAP 1998). Trata-se de evitar a confusão de *experiência* com ‘experimento’, ou de “limpar a palavra *experiência* de suas contaminações empíricas e experimentais...” (Larrosa, 2002, p.28).

<sup>10</sup> Freire, Paulo (1979) *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.32.

<sup>11</sup> Fayga Ostrower, artista plástica e escritora, pensadora da arte, autora de um livro clássico, de 1978, intitulado “Criatividade e Processos de Criação” (Ostrower, 1999); cit. in Faria e Garcia (2001, p.40)

<sup>12</sup> Conforme a ideia central da Teoria da Complexidade (Morin, 2000), onde *complexus* vem a ser “o que é tecido junto”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antônio, Severino (2002) *Educação e Transdisciplinaridade – Crise e reencantamento da aprendizagem*. Rio de Janeiro: Lucerna.

Assmann, Hugo (1998) *Reencantar a Educação – Rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis: Vozes.

Barbosa, Ana Mae (2005) *Arte/Educação contemporânea – Consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez.

CENAP, Centro Nordestino de Animação Popular (1998) *Almanaque de Metodologia da Educação Popular*. Recife: CEPE.

Duarte Jr., João Francisco (1995) *Fundamentos Estéticos da Educação*. Campinas: Papirus.

Faria, Hamilton e Garcia, Pedro B. (2003) *Arte e Identidade Cultural na construção de um Mundo Solidário*. 2. ed. São Paulo: POLIS.

Ferreira, May Guimarães (1994). Arte-Educação e Cidadania. *Desenvolvimento e Cidadania*, 7, 29-31. São Luis: Instituto do Homem.

Freire, Paulo (1999) *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 13. ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Larrosa, Jorge (2002) Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28. Rio de Janeiro: ANPEd/Autores Associados.

Maturana, Humberto (1998)  *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Morin, Edgar (2000) *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez/UNESCO.

Ostrower, Fayga (1999) *Criatividade e Processos de Criação*. 13. ed. Petrópolis: Vozes.

Wosien, Bernhard (2000) *Dança - um caminho para a totalidade*. São Paulo: TRIOM.